

PARTO DE ADOLESCENTES E O CUIDADO COM O RECÉM-NASCIDO

Silvana Brites Dias Alves (PIBIC/CNPq/FA/Uem), Deise Serafim(Orientador),
Sonia Silva Marcon (Co-orientador) e-mail: silvana.brites@gmail.com;
dserafim@hotmail.com; soniasilva.marcon@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Biológicas e da
Saúde/Maringá, PR.

Enfermagem - Enfermagem obstétrica

Palavras-chave: Gravidez na adolescência, Recém-nascido, Cuidado de enfermagem.

Resumo:

A gravidez na adolescência constitui-se como fator de risco gestacional sendo recomendado o início precoce do pré-natal, a fim de evitar complicações. Além disto, os profissionais da saúde devem assistir à parturiente adolescente até a acolhida do recém-nascido, visando oferecer suporte emocional à mãe, já que este é um fator que influencia o desenvolvimento neurológico do feto e o estado psicológico do recém-nascido. Esta pesquisa objetivou elucidar a experiência de gestação, trabalho de parto, parto e o cuidado com o filho recém-nascido de adolescentes assistidas no Hospital Universitário de Maringá (HUM), e relacionar, segundo a literatura, as repercussões que o filho de uma mãe adolescente pode desenvolver. Estudo descritivo exploratório de natureza qualitativa, desenvolvido na maternidade do HUM. Os dados foram coletados junto a puérperas adolescentes, por meio de entrevista semiestruturada. Os dados foram submetidos à análise de conteúdo, modalidade temática. A amostra constituiu-se de 28 puérperas adolescentes, que apesar da gravidez não planejada, tiveram o apoio do parceiro e dos familiares. O acompanhamento pré-natal foi um aspecto relevante, pois as preparou para o trabalho de parto e parto, porém apresentou pouca abordagem sobre os cuidados com o recém-nascido. Mais da metade das entrevistadas concebeu seu filho por parto normal, demonstrando maturidade para se responsabilizar pelos cuidados do recém-nascido. Ressalta-se a importância do planejamento reprodutivo para adolescentes, além da abordagem dos cuidados com o recém-nascido durante o pré-natal.

Introdução

A adolescência é o período de transição entre a infância e a vida adulta, a qual é caracterizada por transformações físicas e emocionais. A contínua maturação fisiológica nessa fase é, geralmente, acompanhada pela descoberta de novas relações e experiências afetivas e sexuais

(RODRIGUES, 2010; RODRIGUES; et al., 2016). Logo, a gestação neste período constitui-se como fator de risco, o que pode gerar o afastamento escolar, abandono da criança e a mortalidade infantil. Essas consequências podem estar relacionadas com o início tardio do pré-natal, o baixo número de consultas de pré-natal, o pré-natal inadequado e outros fatores, como estado civil, baixa escolaridade e pobreza (AZEVEDO; et al., 2015; RODRIGUES; et al, 2016).

O Programa de Humanização do Pré-Natal e Nascimento (PHPN), com vistas a atender a especificidade de cada mulher no processo de parturição, oferece diretrizes fundamentais para atender a parturiente adolescente, uma vez que essa população precisa ser assistida de forma singular pelos profissionais de saúde, pois, com frequência, experimentam maior insegurança com a gestação, o parto e o próprio futuro. O impacto desta assistência se repercutirá na saúde do recém-nascido, pois o modo como ele é recebido no parto e depois cuidado pelos pais repercutirá em seus sentimentos em relação ao mundo.

Ademais, algumas adolescentes vivenciam a falta de apoio e o abandono do parceiro, o que pode influenciar de forma direta o desenvolvimento cognitivo da criança, favorecendo a ocorrência de distúrbios de comportamento (PINTO; et al., 2013).

Esta pesquisa teve como objetivo elucidar a experiência de gestação, trabalho de parto, parto e o cuidado com o filho recém-nascido de adolescentes assistidas no Hospital Universitário de Maringá (HUM), e relacionar, segundo a literatura, as repercussões que o filho de uma mãe adolescente pode desenvolver.

Materiais e métodos

Estudo descritivo, exploratório, de natureza qualitativa. Foram entrevistadas 28 puérperas adolescentes, no período de fevereiro a abril de 2017, na maternidade do Hospital Universitário de Maringá (HUM). Foi utilizado um instrumento semiestruturado, com questões relacionadas às características sociodemográficas e obstétricas da adolescente, contexto da concepção, evolução gravídica, aceitação familiar, assistência pré-natal e ao parto e, ainda, a acolhida do filho após o parto. Os dados foram gravados em meio digital, transcritos na íntegra e, em seguida, foram submetidos à Análise de Conteúdo, modalidade temática. As adolescentes e seus responsáveis aceitaram participar da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), após serem esclarecidas sobre riscos e benefícios da participação. O projeto da pesquisa foi submetido à avaliação da Comissão de Regulamentação das Atividades Acadêmicas (COREA) do HUM e, em seguida à autorização, foi submetido à apreciação e aprovado pelo Comitê Permanente de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá (COPEP-UEM), sob o parecer N° 1.963.595.

Resultados e Discussão

Neste estudo, a maioria das gestações (89,3%) não foi planejada, contudo, após a descoberta, foi aceita e desejada. Estudos sinalizam que a gravidez na adolescência apresenta riscos biológicos tanto para a saúde materna quanto para o feto, como a prematuridade e o baixo peso ao nascer. Neste sentido, ressalta-se a importância da assistência pré-natal para as gestantes adolescentes, uma vez que visa o acompanhamento da evolução gestacional e a detecção de fatores de risco e agravos que podem surgir (FERNANDES; et al., 2015; PAVANATTO; et al., 2014). No estudo, um percentual relevante das entrevistadas (78,5%) afirmou ter realizado o acompanhamento pré-natal. No entanto, 75,0% declarou a falta de abordagem sobre os cuidados com o recém-nascido durante as consultas.

Em relação à aceitação familiar, os estudiosos apontam que os adolescentes apresentam dificuldade de anunciarem a gravidez aos familiares, já que a notícia é recebida com notória contrariedade, principalmente pelo pai da menina. Contudo, a tendência é a aceitação posterior, refletindo em apoio ao casal (VEIGA; et al., 2014). No presente estudo, uma parcela importante das adolescentes (67,8%) relatou a facilidade de comunicar a gravidez aos seus pais, recebendo deles uma reação positiva, seguida de compreensão e apoio. Também foi relevante o percentual dos parceiros (85,7%) que apresentou responsabilidade em assumir seus filhos.

Fatores como acompanhamento pré-natal inadequado, ausência do parceiro e a não aceitação da gestação pela família ou companheiro, podem afetar o estado de saúde da gestante, prejudicando o crescimento e desenvolvimento fetal (SANTOS; et al., 2014). Isto porque o estado afetivo da mãe reflete no filho, por meio da comunicação materno-fetal, mediada por substâncias neuro-hormonais. Quando a mãe vive em constante estresse libera maior quantidade de cortisol, o que altera o cérebro do feto tornando-o vulnerável a processos que destroem neurônios, e reduz a irrigação sanguínea placentária comprometendo o crescimento e desenvolvimento fetal. (SANTOS; SERRALHA, 2015).

Neste estudo, 71,4% das adolescentes era primípara, sendo que grande parte das puérperas (75,0%) reconheceu ter sido preparada para o trabalho de parto e parto pelos profissionais de saúde durante o pré-natal e meios virtuais. Assim, mais da metade das puérperas (60,7%) desenvolveu um trabalho de parto efetivo, demonstrando satisfação por tê-lo conseguido. É importante valorizar a presença de um profissional de saúde que atue de acordo com os princípios da humanização da assistência ao parto, pois esta se fundamenta também nas relações interpessoais, estabelecidas entre o profissional de saúde, a parturiente e o acompanhante (GOMES; et al., 2014).

O nascimento de um filho gera repercussões na vida da mulher e dos familiares, assim, é essencial que a mãe se adapte às necessidades do filho. Neste estudo, a maioria das adolescentes (85,7%) se mostrou amadurecida para enfrentar a nova experiência de cuidar do seu filho. Somente 14,3% das entrevistadas expressou insegurança de cuidar do filho, como o medo de segurá-lo, dúvidas sobre os principais cuidados e o cansaço por permanecer

acordada durante a noite. SANTOS e SERRALHA (2015) ressaltam que a qualidade dos cuidados oferecidos pela mãe ao bebê após o nascimento, influencia diretamente no desenvolvimento saudável dele, abrangendo o aspecto emocional, cognitivo e social. Neste sentido, destaca-se a importância das orientações adequadas às puérperas adolescentes pelos profissionais de saúde, sobretudo o enfermeiro, a fim de estimular o desenvolvimento da maternidade.

Conclusões

O estudo demonstrou que, apesar gravidez não planejada, as mães adolescentes estudadas tiveram o apoio do parceiro e dos familiares. O acompanhamento pré-natal foi um aspecto relevante, pois preparou as gestantes para o trabalho de parto e parto. Contudo, não foi abordado os cuidados com o recém-nascido. Notou-se a preferência pelo parto vaginal, sendo que mais da metade das adolescentes pesquisadas evoluíram de forma favorável. Verificou-se, ainda, a maturidade das mães adolescentes estudadas para se responsabilizar pelos cuidados com o recém-nascido. Embora o estudo tenha evidenciado que a maior parte das gestantes tiveram o apoio dos familiares em relação a gestação precoce, tenham realizado o pré-natal, recebido orientações sobre o parto e tiveram um desfecho favorável em relação ao parto, ressalta-se a importância do planejamento reprodutivo para os adolescentes, que além da oferta de métodos contraceptivos, seja desenvolvido um aconselhamento capaz de empoderar os sujeitos em suas tomadas de decisões. Ademais, é necessário que o enfermeiro abranja na assistência pré-natal os cuidados com o recém-nascido, a fim de preparar as gestantes adolescentes para maternidade.

Agradecimentos

À professora orientadora, Deise Serafim, pelo auxílio e supervisão durante a realização da pesquisa e à Fundação Araucária pelo auxílio financeiro.

Referências

GOMES, A. R. M.; PONTES, D. S.; PEREIRA, C. C. A.; BRASIL, A. O. M.; MORAES, L. C. A. Assistência de enfermagem obstétrica na humanização do parto normal. **Revista Científica de Enfermagem**, v. 4, n. 11, p. 23-27, 2014.

SANTOS, L. P.; SERRALHA, C. A. Repercussões da depressão pós-parto no desenvolvimento infantil. **Revista Barbarói**, v.43, p. 5-26, 2015.

VEIGA, M. B. A.; FREITAS, A. C.; DIAS, P. L. Paternidade na adolescência: revisão integrativa. **Revista de Enfermagem UFPE on line**, v. 8, n. 11, p. 3962-71, 2014.